

ISSN: 0036-4703

PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA ARGENTINA
SANTA MARÍA DE LOS BUENOS AIRES
FACULTAD DE FILOSOFÍA Y LETRAS

SAPIENTIA

VOLUMEN LXXV

FASCÍCULO 246

A. D. 2019

Buenos Aires

La revista SAPIENTIA es editada semestralmente por la Facultad de Filosofía y Letras de la Pontificia Universidad Católica Argentina *Santa María de los Buenos Aires*. Asimismo, oficia como órgano de la *Sociedad Tomista Argentina*. SAPIENTIA (ISSN 0036-4703, Dirección Nacional del Derecho de Autor N° 381.238) es propiedad de la *Fundación Universidad Católica Argentina*.

Los autores de los artículos publicados en el presente número ceden sus derechos a la editorial, en forma no exclusiva, para que incorpore la versión digital de los mismos al Repositorio Institucional de la Universidad Católica Argentina, como así también a otras bases de datos que considere de relevancia académica.

Las suscripciones se llevan a cabo completando el formulario correspondiente y efectuando el pago según los modos que figuran en el sitio *web* de la revista:
<http://erevistas.uca.edu.ar/index.php/SAP>.

SAPIENTIA se encuentra indizada en:

CLASE (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades); DIALNET; Fuente Académica Premier; HAPI (Hispanic American Periodicals Index); Latindex-Catálogo; Latindex-Directorio.

SAPIENTIA

Facultad de Filosofía y Letras, U.C.A.

Av. Alicia Moreau de Justo 1500, C1107AFD Buenos Aires - Argentina

(+54 11) 4349-0200, ext.: 1211

sapientia@uca.edu.ar - <https://erevistas.uca.edu.ar/index.php/SAP>

SAPIENTIA

Fundada en 1946 por Octavio Nicolás Derisi

Oscar Horacio Beltrán

Director

COMITÉ CIENTÍFICO

Mauricio Beuchot Puente

(Universidad Autónoma de México, México)

Mauricio Echeverría Gálvez

(Universidad Santo Tomás, Chile)

Yves Floucat

(Centre Jacques Maritain, Toulouse)

Francisco Leocata

(Pontificia Universidad Católica Argentina)

Jorge Martínez Barrera

(Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago de Chile)

Carlos Ignacio Massini Correas

(Universidad Austral, Universidad de Mendoza)

Héctor J. Padrón

(Universidad Nacional de Cuyo y Universidad Católica de Santa Fe, Argentina)

Vittorio Possenti

(Università degli Studi di Venezia)

Juan José Sanguinetti

(Pontificia Università della Santa Croce)

por la Sociedad Tomista Argentina

† María C. Donadio Maggi de Gandolfi

(Universidad Católica Argentina, Buenos Aires)

COMITÉ EDITORIAL

Mariano Asla *(Universidad Austral)*

Diego José Bacigalupe *(Seminario Arquidiocesano de La Plata)*

María Fernanda Balmaseda Cinquina *(UCA)*

Christián Carlos Carman *(Universidad de Quilmes)*

Claudio Conforti *(UNSTA)*

Agustín Echavarría *(Universidad de Navarra)*

Juan Francisco Franck *(Austral, UNSTA)*

Juan Andrés Leverman *(UCA)*

María Liliana Lukac de Stier *(UCA-Sociedad Tomista Argentina)*

Marisa Mosto *(UCA)*

Carlos Taubenschlag *(UCA)*

SECRETARIO DE REDACCIÓN

Pablo Alejo Carrasco

Notas y comentarios

VICTOR RENATO DE MORAIS MAIA

Universidade Federale de Santa Catarina

Florianópolis – Brasil

victor.ufsc@gmail.com

A crise contemporânea do “ensimesmar-se”: uma perspectiva raciovitalista

Recibido 1/5/2019 Aceptado 19/10/2019

Resumen: En este artículo, he pretendido discutir sobre el uso de las tecnologías contemporáneas bajo los conceptos de “alteración”, “ensimismamiento” y “acción” elaborados por el filósofo español José Ortega y Gasset. Vivimos en una inflamación tecnológica, rodeados por artefactos que constantemente nos estimulan y nos hacen reaccionar y no necesariamente “actuar”. Este estadio de la existencia humana es lo que Ortega ha definido como “alteración”. Esta “alteración” que el filósofo madrileño nos describe es también fruto de una situación donde es débil o ausente el “ensimismamiento”. La relación del ser humano contemporáneo con la tecnología, o sea, su utilización, impide que lo humano sea racional frente a las circunstancias, o sea, impide el bueno uso de la razón. En esta situación, el hombre contemporáneo tiene una característica de servilismo respecto de los artefactos tecnológicos y no de una utilización racional. Así, la creciente tendencia es que algunos hombres diseñan las nuevas tecnologías y la gran mayoría siguen adaptando sus vidas a estos artefactos y no utilizándolos en la ejecución de sus propios proyectos vitales, los cuales, están en la mayoría de las veces, ausentes debido a este mismo mal uso de los artefactos tecnológicos.

Palabras clave: Ortega y Gasset – tecnología – alteración – ensimismamiento – existencia

The contemporary crisis of “self-absorption”: a raciovitalist perspective

Abstract: In this article, will be discuss the use of contemporary technologies under the concepts of "alienation" (alteración), "to-live-within-oneself" (*ensimismamiento*) and "action" elaborated by the Spanish philosopher José Ortega y Gasset. We live in a technological inflammation, surrounded by artifacts that constantly stimulate us and make us to react and not necessarily to "act". This stage of existence is what Ortega has defined as "alienation". This "alienation", that the Madrilanian philosopher describes, is also the result of a situation where the "self-consciousness" is weak, characteristic of an absent stage. The relationship of the contemporary human with technology, that is, its use, prevents human beings from staying rational in the face of circumstances, that is, it prevents the good use of reason. In this situation, contemporary man has a characteristic of servility to technological devices and not of rational use of them. Thus, the tendency is the increasing situation where some men design the new technologies and the great majority continue adapting their lives to these devices and not using them in the execution of their own vital projects, which in most cases, are denied because of these wrong technological uses.

Keywords: Ortega y Gasset – technology – alienation - self-consciousness – existence

1. Introdução

Utilizamos o sufixo “ismo” para identificar uma situação patológica, uma infecção.¹ Utilizado para descrever determinada situação em que algo encontra-se enfermo, a presença e com excesso de patógenos ou corpos estranhos. Infecção vem do latim *infectus*, incompleto, que remete à

¹ Mauro de Salles Villa, *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2001), 431.

inflamação, ficar cheio, excesso. Refere-se a determinado estado patológico, de excesso, abundância indevida, desmedida, a qual trazia mal ao ser humano. A atual situação humana é de excessos. Aglomerações que são excessos de humanos em um determinado local, excesso de estímulos audiovisuais, excesso de trabalho e o principal: excesso de artefatos tecnológicos, sejam estes físicos ou virtuais.

A prudência segundo Adouphe Tanquerey é uma “virtude moral e sobrenatural, que inclina a nossa inteligência, a escolher, e qualquer circunstância, os melhores meios para atingir nossos fins, subordinando-os ao nosso fim último.”² Além disso, o autor nos lembra de que esta virtude “reside, propriamente falando, na inteligência” e certamente sua função é “julgar e discernir o que, em cada circunstância, é mais apto para obter nosso fim”³ o qual está submisso ao fim último. A ausência em nós desta virtude acarreta consequências indesejáveis. Entre estas consequências, está o uso indevido de artefatos tecnológicos contemporâneos.

Sendo assim, a prudência é uma virtude importantíssima, que proporciona uma vida reta ao homem e que só é possível com o “ensimesmar-se”. O “ensimesmar-se”, como nos explicou J. Ortega y Gasset, é o momento reflexivo em que o homem pode distanciar-se racionalmente da circunstância e elaborar um plano para emergir diante desta, efetuando uma “ação”.⁴ Tal exercício

² Ad. Tanquerey, *Manual de Teologia Ascética e Mística* (Porto: Apostolado da Imprensa, 1938), 641.

³ *Idem.*

⁴ José Ortega y Gasset, *Obras Completas: Tomo V*, (Madrid: Revista Occidente, 1964), 300. As próximas citações e notas de rodapé

é o que nos diferencia dos demais animais pois para Ortega, “El animal es pura alteración. No puede ensimismarse”.⁵ Somente é possível elaborar um plano de ação e contemplar algo ao ensimesmar-se. Sendo assim, para lidar humanamente com qualquer circunstância, necessitamos deste “ensimesmar-se” para que possamos continuar a realização do “eu”, estabelecendo o indivíduo humano perante as variações materiais do mundo. Somente é humana, em sentido civilizatório, a ação e não a constante reação.

2. Alteração contemporânea: o homem vive atropelado

A situação na qual estamos é de excessos tecnológicos, um “tecnologismo”, um excesso de corpos estranhos em termos naturais. Estamos rodeados por inúmeros artefatos tecnológicos e os utilizamos inúmeras vezes sem uma prévia reflexão, sem estes pertencerem e estarem submetidos a um plano vital pré concebido pelo indivíduo que o utiliza, sem um “ensimesmar-se”.⁶ Um estado patológico de infecção tecnológica, situação a qual define a vida contemporânea. Visto que não há um “eu” separado das circunstâncias,⁷ tal situação define o ambiente no qual se dá a vida humana atual, definindo assim também o

provenientes das *Obras Completas* de Ortega y Gasset serão feitas pelo número do tomo (Tomo...) seguido do ano (número) e página (número).

⁵ *Ibidem*, 301.

⁶ Tomo V, 1964, 304.

⁷ “Y o soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo”, conceito elaborado por Ortega y Gasset (O.C. Tomo I, 1966, p. 322) em sua grande obra *Meditaciones del Quijote* de 1914 .

homem contemporâneo, um ser que lida constantemente com artefatos tecnológicos e propenso a responder aos seus estímulos instintivamente. Tal “inflamação” tecnológica é sintoma de uma patologia do controle e da fuga, patologia esta a qual implica em uma existência inautêntica e conflituosa. Isso nos faz distante da verdade, visto que tal circunstância distancia nos do “ensimesmar-se” como foi definido por Ortega.⁸ Se foge da circunstância ao perceber sua primeira demanda ao “ensimesmar-se” para lidar com ela. Para isso, o humano contemporâneo utiliza os diversos artefatos tecnológicos a sua disposição. Assim ambos, o “poder fazer” e o “é possível tecnologicamente fazer” sobrepõe-se ao “dever fazer”, proporcionando a postergação do “ensimesmar-se”.

Uma “crise” significa uma “fase de decisão, incerteza ou vacilação” ou mesmo um momento de desequilíbrio.⁹ Agora, o homem sofre destes dois problemas porque ao mesmo tempo em que está indeciso, não sabe que rumo tomar, o desequilíbrio emocional acaba definindo o fim último de suas ações, definindo assim o seu lidar com as circunstâncias, ou seja, o “ser”. Seu corpo, de forma regressiva, domina sua alma e os estímulos exteriores tornam-se seu mestre. Não pode ensimesmar-se porque não consegue conter sua ansiedade, sua impulsividade, demonstrando tal atitude como sendo um mal espiritual, provocado pela perda, ou melhor, por não ter um sentido vital que o recoloca nos eixos. Assim, infelizmente vive uma constante fuga do confronto intelectual com as circunstâncias, negligenciando sua existência radical e

⁸ Tomo V, 1964, 303.

⁹ Villar, *Dicionário...*, 201.

vocacional em detrimento de sugestionáveis efemeridades como por exemplo as novas mídias sociais.

O homem contemporâneo “vacila” em ensimesmar-se pois sente-se mais confortável na fuga. A tecnologia moderna, ou melhor, o seu mal uso, facilita tal fuga. Tecnologia moderna esta, fruto da técnica contemporânea, que proporciona um universo circunstancial incrível. Não precisamos ir muito longe e apenas há a necessidade de citar os algoritmos, veículos de desvirtuamento e manipulação de dados genialmente projetados, frutos da utopia progressista. Técnica moderna, genialmente elaborada e executada para uma manipulação extremamente eficiente, exata, reta. Proporciona ao homem moderno um ambiente caloroso, uterino, efemeramente confortável. Tal ambiente, o qual representa grande parte da forma de mundo contemporâneo, é despercebido em sua forma real e somos ludibriados. Tal ambiente é etéreo e de fácil demolição pois proporciona o crescimento ao mesmo tempo que fomenta a aparição de homens fracos em virtude e facilmente ludibriados. Há muitas formas confortáveis de fuga ao confronto com suas circunstâncias e portanto, implicarão para que o homem contemporâneo vacile constantemente em ensimesmar-se vivendo em constante “alteração”. Ensimesmar, como nos explica Ortega (Tomo V 1964, 72) “es lo contrario de vivir atropellado.”

Este “tecnologismo” é uma circunstância atual, “causa e efeito” da crise do “ensimesmar-se”, fruto de uma vida “atropelada”. A actual existência humana é castigada neste espiral progressista, imbuído de forma maquiavélica àqueles que estão neste mundo contemporâneo e que exitam em pensar sobre sua situação histórica. O uso excessivo de artefactos tecnológicos, como os diversos aplicativos disponíveis nos smartphones – ou nos computadores –, são

utilizados constantemente de forma efêmera, mais como fuga da circunstância. Ao mesmo tempo que são utilizados sem um propósito vital maior, funcionam como distração ao tédio proporcionado pelo confronto à circunstância que lhe apresenta, sendo esta utilização uma reação e não de uma ação. Agindo assim, o homem contemporâneo não ensimesma-se e sim altera-se. Adicionando mais coisas e situações ao seu afogamento, baterá seus braços em vão. Isto “se ve claro cuando se compara al hombre con el animal” (Tomo V 1964, 75), é nítido que ao invés de seguir algo pré concebido, o homem contemporâneo é um profícuo “respondedor de estímulos mundanos” pois não age, não vive “desde si mesmo mas sempre atento a outra coisa, a algo externo, a outro (alter).¹⁰

Assim, como menciona Ortega,¹¹ neste tipo de existência o homem reduz a possibilidade de uma existência virtuosa e aumenta a possibilidade de regressão a um estado animalesco, sucumbindo aos seus instintos e à barbárie. O bárbaro não é civilizado pois somente o é aquele que segue normas e entende porque as segue. Para Ortega, “a barbárie é a tendência à dissociação. E assim, todas as épocas bárbaras foram tempos de espalhamento humano, pululação de pequenos grupos separados e hostis”.¹² É assim que o homem moderno é ao utilizar as tecnologias modernas. Nas plataformas virtuais ele se aglomera em pequenas “hordas” hostis, se separa em grupos e rebanhos e estabelece o que pode e não pode, opina sobre tudo que não compreende e permanece em uma existência rasa, apenas reagindo aos

¹⁰ Tomo V, 1964. p. 299.

¹¹ *Ibidem*.

¹² J. Ortega y Gasset, *A Rebelião das Massas*, (Campinas: Vide Editorial, 2016), 149.

estímulos externos provenientes de seus ídolos através da rede.

Neste espiral circunstancial tecnológico, o homem moderno passar a maior parte de seu tempo respondendo a estímulos causados pelos mesmos artefatos. Tal situação, caracterizada pelo mau uso da tecnologia, impede ao homem contemporâneo o bom uso da razão para que possa agir no mundo. A ausência do “ensimesmar-se” impede que haja “ação” pois como nos mostra Ortega, não é possível a existência da “ação” sem que haja previamente o ensimesmamento.¹³ Permanece, então, em um estado de “alteração” perene, no qual “el hombre se siente perdido, naufrago en las cosas [...]”. Alterado, segue em um estado existencial de que propende à barbárie, onde utiliza os maiores benefícios da civilização sem sequer se dar conta de suas histórias. Os usa, como bem nos adverte o filósofo madrileno, como se tivessem apenas brotado da terra, sem a percepção do “cultivar”, da cultura histórica.¹⁴

3. Inversão Ontológica: adaptando-se aos artefatos tecnológicos

Interessante notar que os artefatos tecnológicos, os quais inicialmente deveriam servir ao homem para a realização de seu plano vital, tornam-se apenas mais uma circunstância devido seu uso indevido. Assim, proporcionam a continuidade da “alteração”. Perdem seu carácter serviu e transformam-se em circunstâncias que nos levam a agir de acordo com seu mecanismo de funcionamento. Padre

¹³ Tomo V, 1964. p. 304.

¹⁴ Ortega, *A Rebelião...*, 126.

Leonel Franca explica o divórcio entre o pensamento e o ser manifestado postulado por Descartes. O racionalista francês inverte a ordem e retira das ideias seu caráter essencial, ou seja, de serem apenas meios para conhecermos algo. Segundo ele, a teoria cartesiana apresenta as ideias como algo para diretamente se conhecer, o “*cogito, ergo sum*” nos mostra algo e demanda ser uma finalidade, uma explicação basilar. Nas palavras de Franca, Descartes fez com que “as ideias cessam de ser meios pelos quais conhecemos as *cousas*, para se transformarem em *cousas* diretamente conhecidas.” (Franca 1951, 57-58).¹⁵ Tal explicação pode ser aludida com à relação do homem moderno e a a tecnologia, transforma na em fim último adaptando-se a ela. Uma demonstração clara disso é o recente excesso de utilização da tecnologia em vários âmbitos sociais. Acordam e dormem com um smartphone ao lado, verificam a todo tempo uma nova mensagem e estão constantemente sobrecarregados de informações. Quando lhes faltam este fluxo de *over information*, comportam-se como que em abstinência, similar a um adicto.

O homem contemporâneo está mais naufragado do que nunca. Suas ações no mundo são apenas reações, não age pois não ensimesma-se. Sua situação atual é de plena “alteração” e como nos diz Ortega,

El animal es pura alteración. No puede ensimismarse. Por eso, cuando las cosas dejan de amenazarle o acariciarle; cuando le permiten una vacación; en suma, cuando deja de moverle y manejarle lo otro que él, el pobre animal tiene que dejar virtualmente de existir, esto es: se duerme. De aquí la enorme capacidad de somnolencia que manifiesta el animal, la modorra infrahumana, que continúa en parte en el hombre

¹⁵ Pde. Leonel Franca, *A crise do Mundo Moderno*, (Rio de Janeiro: Agir Editora, 1951), 57, 58.

primitivo y, opuestamente, el insomnio creciente del hombre civilizado, la casi permanente vigilancia —a veces, terrible, indomable— que aqueja a los hombres de intensa vida interior.¹⁶

Tal situação de “alteração”, perdido e naufragado *em las cosas*, é agravada pela inflamação tecnológica, o tecnologismo. Os artefatos que outrora deveriam contribuir para uma vida de plenitude, de enriquecimento espiritual, agora somente contribuem para uma confusão vital, tornam-se circunstâncias adicionais e acabam por prender este homem contemporâneo e uma ilusão tecnológica. O faz “alterado”, apenas reagindo e ao mesmo tempo seguro que está a “agir” no mundo. Mal percebe que regride devido a todo esta ilusão progressista, transformando-se, como Ortega nos diz, em um bárbaro moderno pois agrega cada vez mais o luxo tecnológico às suas aspirações efêmeras apenas para satisfazer suas vontades direcionadas a esta confusa situação. A este mundo, técnico e facilitador de processos e procedimentos, de aplicativos e redes virtuais disponíveis em quase todo o globo, é visto pelo homem sem consciência histórica como natural, ou seja, “crê que a natureza o produziu”.¹⁷

É necessário entender que, como nos diz Gustavo Corção (1963, 15) “não se trata, pois, de restringir a atividade técnica e sim polarizá-la”, o que seria equivalente a “melhorar o seu uso”.¹⁸ A incompatibilidade lógica a qual chegaram os programas televisivos e, contemporaneamente, também programas exibidos nos

¹⁶ Tomo V, 1964. p. 301.

¹⁷ Ortega, *A Rebelião...*, 129.

¹⁸ Gustavo Corção, *As Fronteiras da Técnica*, (Rio de Janeiro: Agis Editora, 1963), 15.

canais de internet como por exemplo o *Youtube*, não é culpa inteiramente daqueles que projetaram estes artefatos. Por mais que seus projetos tenham uma boa intenção, não foram planejados suficientemente para que evitassem a estultícia dos homens ao seu manuseio. Porém, estes artefatos tecnológicos potencializam a estultícia dos homens. Sendo assim, apensar de serem artefatos tecnológicos muito engenhosos, são ineficientes e também podem atuar com veículos na deterioração dos valores civilizatórios.

É importante ressaltar a visão orteguiana sobre nossa condição humana. Tal condição é a seguinte: em ser natural e ao mesmo tempo extranatural, a qual nos caracteriza segundo Ortega como sendo a de um “centauro ontológico”. Afirma que em meia porção somos imersos nas natureza mas precisamos construir uma sobrenatureza para que possamos viver bem, pois o homem não apenas sobrevive e vive no mundo mas necessita viver bem, ou seja, uma parte de nós imersa na natureza e “la otra parte trasciende de ella.”¹⁹

Assim, o homem necessita viver bem e impor suas aspirações, vontades e necessidades à natureza, formando o que conhecemos como bem estar. Nos diz Ortega que “El bienestar y no el estar es la necesidad fundamental para el hombre, la necesidad de las necesidades.”²⁰ Portanto, o homem não está simplesmente no mundo, necessita estar bem e para isso utiliza a técnica e seus consequentes artefatos tecnológicos. A técnica, composta pelos atos técnicos, “modifican o reforman la circunstancia o naturaleza, logrando que en ella haya lo que no hay —sea

¹⁹ Tomo V, 1964, 338.

²⁰ *Ibidem*, 328.

que no lo hay aquí y ahora cuando se necesita, sea que en absoluto no lo hay.”²¹

Sendo assim, prossegue Ortega e define a técnica como

[...] la reforma que el hombre impone a la naturaleza en vista de la satisfacción de sus necesidades. Éstas, hemos visto, eran imposiciones de la naturaleza al hombre. El hombre responde imponiendo a su vez un cambio a la naturaleza. Es, pues, la técnica, la reacción enérgica contra la naturaleza o circunstancia que lleva a crear entre ésta y el hombre una nueva naturaleza puesta sobre aquélla, una sobrenaturaleza. Conste, pues: la técnica no es lo que el hombre hace para satisfacer sus necesidades. Esta expresión es equívoca y valdría también para el repertorio biológico de los actos animales. La técnica es la reforma de la naturaleza, de esa naturaleza que nos hace necesitados y menesterosos, reforma en sentido tal que las necesidades quedan a ser posible anuladas por dejar de ser problema su satisfacción.²²

Certamente, na natureza crua não podemos estar bem, necessitamos modificá-la. Temos uma tendência natural em eliminar dificuldades, modificar o meio, uma propensão ao conforto e ao esforço mínimo, alteramos o natural para que possamos atingir determinado bem estar. O meio natural não supre nossas necessidades de bem estar mas sim para se estar no mundo. Contudo, sendo ela antecessora a nós – ao mesmo tempo em que somos parte dela –, não há coerência em esquecermos desta ordem primordial. Lembra nos Juan Luis Lorda de que ao homem não é dono do mundo mas sim “simplesmente o seu administrador.”²³ Este foi dado ao homem para que o bem administrasse mas não para usá-lo ao bel prazer como se fosse sua posse. Com o avanço tecnológico, o homem acostuma-se a manipular a

²¹ Tomo V, 1964, 324.

²² *Idem.*

²³ Juan Luis Lorda, *Moral: A Arte de Viver*, (São Paulo: Quadrante, 2001), 42.

natureza em busca de determinados confortos artificiais, tendendo assim a negligenciar a finitude do mundo por olhá-lo apenas como fonte de matéria-prima. Esta fatídica situação faz com que o homem frequentemente acredite estar acima da ordem natural, por isso deveríamos ser educados para o entendimento desta falsa percepção da perenidade do mundo. Sendo assim, os artefatos tecnológicos quando mal utilizados, tornam-se componentes á “alteração” pois não levam o homem a um fim logicamente planejado mas sim o manipula, fazendo com que suas ações se adaptem ao artefatos.

Não pode, de fato, existir civilização sem técnicas e respectivos artefatos tecnológicos. No entanto, usá-los sem que estes se encaixem na conservação dos princípios e pilares da civilização seria considerá-los sob uma perspectiva bárbara. Ao afirmar que “os princípios em que o mundo civilizado se apoia – que temos que sustentar – não existem para o homem atual”, Ortega (2016, 165) tem toda a razão em nos apontar a existência do homem bárbaro em meio ao mundo construído civilizadamente. O mundo civilizado construiu todas regalias e possibilidades do mundo atual, contudo a maioria dos que usufruem destes benefícios agem como bárbaros pois não possuem o conhecimento de como estas coisas chegaram a ser disponíveis como são.

Segundo Juan Garcia Bacca (1987, 59), a técnica atual, através de seus artefatos, não tem por fim a infinidade, seja de processos ou de produtos mas sim a “la perenne e inegotable disponibilidad;”²⁴ Os efeitos e processos

²⁴ Juan David Garcia Bacca, *Elogio de la Técnica*, (Anthropos: Madrid, 1987), 59.

provenientes da técnica moderna e través de seus artefatos, têm como fim uma coisa específica mas apenas proporcionar um infundável ciclo espiral de disponibilidade. A essência da técnica moderna é o processo da perene disponibilidade de algo, como afirma Bacca. O destino da viagem em um trem ou comboio não é o fim da máquina locomotiva. Seu fim é proporcionar a repetição do processo de viagem sem previsão de esgotamento, ou seja, a infinita disponibilidade da locomoção entre dois ou mais pontos geográficos. Assim, se pensarmos no século XXI, alguns exemplos sob esta perspectiva ficam muito inquietantes: qual seria a essência de aplicativos ou plataformas com o WhatsApp, Facebook ou Instagram? A infinita possibilidade de relacionamentos. Do Twitter? A infinita possibilidade de expôr sua opinião (doxa). E qual seria a essência de uma usina hidrelétrica? A infinidade do processo de produção de energia, mesmo dependendo de uma fonte finita de força, um rio ou represa. Esta inesgotável disponibilidade implicaria também um inesgotável funcionamento, inesgotáveis processos e uma inesgotável renovação de material, pessoas e ideias, o que vai na contramão de um mundo finito e limitado temporariamente, materialmente e geograficamente.

Manifesta-se assim uma disjunção da técnica moderna e a vida humana quando analisamos as relações entre alguns artefatos tecnológicos com o “ensimesmar-se”. Conforme nos mostra Ortega, a técnica “va a ingeniarse y a ejecutar la tarea, que es la vida” porque o projeto vital é pré-técnico e sua principal função é “hacer que el programa humano se realice”.²⁵ Assim, toda técnica e artefato o qual não

²⁵ Tomo V 1964, 343.

participe de um plano vital, elaborado assim no “ensimesmar-se” e sendo portanto utilizado em um pós-projeto, é uma circunstância a mais a ser manejada, a qual contribui para a “alteração” humana e não para um bem estar. Adquire o caráter de empecilho, sendo uma circunstância a qual distancia o homem da realização de seu ser que é o mesmo que distanciar-se de uma existência autêntica.

Somente é possível uma existência autêntica quando percebemos e saímos do estado de “alteração” e já não vivemos “atropellados”. Estar neste estado significa estar reagindo aos diversos estímulos do mesmo modo como os animais reagem aos estímulos em um zoológico, reagindo sempre ao outro (*alter*). Nas palavras de Ortega, viver assim é estar em uma condição de alteração, em ser alterado porque

[...] son los objetos y acaecimientos del contorno quienes gobiernan la vida del animal, le traen y le llevan como una marioneta. Él no rige su existencia, no vive desde sí mismo, sino que está siempre atento a lo que pasa fuera de él, a lo otro que él. Nuestro vocablo otro no es sino el latino alter. Decir, pues, que el animal no vive desde si mismo sino desde lo otro, traído y llevado y tiranizado por lo otro, equivale a decir que el animal vive siempre alterado, enajenado, que su vida es constitutiva alteración.²⁶

4. Considerações Finais

A condição de estar constantemente “alterado” nada condiz com o avanço científico e técnico que presenciamos, avanços os quais – ao menos em tese – deveriam nos proporcionar melhores condições para o ensimesmamento.

²⁶ Tomo V, 1964, 299.

Assim, uma das contradições de nossa sociedade atual seria esta: apesar de vivermos em uma sociedade, em uma civilização, com tantos luxos, regalias e facilidades disponíveis, estamos mais “alterados” do que nunca e com uma triste dificuldade em “ensimesmarmos”. Talvez, a ilusão progressista confirme a tese de que o progresso material tem um limite e ao passar tal limite, demonstrar-se a como uma ilusão tecnológica materialista. Esta ilusão distancia o homem de uma possível continuidade de enriquecimento espiritual por negligenciar os princípios e instituições basilares da civilização ocidental. Que por um movimento intelectual ou de sorte, o homem moderno reconheça sua condição “alterada” em que está, agindo de forma infantil perante as circunstâncias. Esta condição é configurada por um tipo peculiar de “adulto criança”, ludibriado e admirado com os novos brinquedos que lhe são dados, brinquedos estes os quais dificultam seu amadurecimento que somente é possível como fruto de um “ensimesmar-se”.

5. Referências

- AD. TANQUEREY. 1938. *Manual de Teologia Ascética e Mística*. Porto: Apostolado da Imprensa.
- CORÇÃO, Gustavo. 1963. *As Fronteiras da Técnica*. Rio de Janeiro: Agis Editora.
- GARCIA BACCA, Juan. 1987. *Elogio de la Técnica*. Anthropos: Madrid, 1987.
- ORTEGA Y GASSET, José. 1964. *Obras Completas: Tomo V*. Madrid: Revista Occidente.

-
- _____. 1997. *Meditación de la Técnica, estudios y notas por Jaime de Salas y José María Atencia*. Madrid: Satillana.
- _____. 2016. *A Rebelião das Massas*. Campinas: Vide Editorial.
- LORDA, Juan L. 2001. *Moral: A Arte de Viver*. São Paulo: Quadrante.
- VILLA, Mauro de S. 2001. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- FRANCA, Leonel. 1951. *A crise do Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Agir Editora.

Índice del Volumen LXXV

Fascículo 246

ARTÍCULOS

ADAM SOŁOMIEWICZ, <i>El intelecto agente aristotélico como “intelecto personal” según Leonardo Polo</i>	7
HUGO JOSÉ FRANCISCO VELÁZQUEZ, <i>Breve reseña sobre la verdad en el pragmatismo de Charles S. Peirce y William James</i>	29
JACOB BUGANZA, <i>La ética de Apuleyo</i>	49
TANIA SCIAGURA y RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES, <i>Primum non nocere: riflessione morale sulla relazione tra medicina ed ética</i>	75

DOSSIER

CECILIA AVENATTI DE PALUMBO, SILVIA J. CAMPANA Y MARÍA ESTHER ORTIZ, <i>La hospitalidad: encuentro y desafío</i>	107
--	-----

ROSTRO, ALTERIDAD Y RECONOCIMIENTO

JAVIER IGNACIO HERNÁNDEZ TREJO SJ, <i>Tú, mi hermano. Tú mi enemigo. Caín y Abel a través del pensamiento de G. W. F. Hegel y Emmanuel Levinas</i>	111
SILVIA JULIA CAMPANA, <i>De la proximidad a la hospitalidad: hacia el rostro desnudo de la íntima vulnerabilidad</i>	137
MARISA MOSTO, <i>Hospitalidad y singularidad</i>	155

LA OBRA DE ARTE Y LA RECIPROCIDAD HOSPITALARIA

MATEO BELGRANO, <i>Extranjeros en el museo. Una reflexión sobre la recepción de la obra de arte</i>	177
CRISTINA LEONOR ARRANZ, <i>La apertura de Goethe al arte clásico: una interpretación estética de la hospitalidad</i>	189

HISTORIA, SOCIEDAD Y HOSPITALIDAD

TERESA M. DRIOLLET DE VEDOYA, <i>Del individualismo antropotécnico hacia la hospitalidad</i>	203
CAROLINA RIVA POSSE, <i>Logos, hospitalidad y democracia. Volver al origen de Europa de la mano de Augusto Del Noce y San Benito</i>	217

NOMBRE, ESPERANZA Y DONACIÓN

EZEQUIEL D. MURGA, <i>Hospedar el fenómeno. Hacia una ética de la fenomenalidad en Jean-Luc Marion</i>	229
--	-----